



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**JOSÉ CLAUDIO GOMES DANTAS**

**NOS QUADROS DA LITERATURA: O DIÁLOGO ENTRE O ROMANCE**  
***FRANKENSTEIN* E SUA ADAPTAÇÃO PARA OS QUADRINHOS**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2016**

**JOSÉ CLAUDIO GOMES DANTAS**

**NOS QUADROS DA LITERATURA: O DIÁLOGO ENTRE O ROMANCE  
*FRANKENSTEIN* E SUA ADAPTAÇÃO PARA OS QUADRINHOS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Literários, sob a orientação do Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Especialista em Estudos Literários.

**CAJAZEIRAS – PB**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

D192m Dantas, José Claudio Gomes

Nos quadros da literatura: o diálogo entre o romance *Frankenstein* e sua adaptação para os quadrinhos / José Claudio Gomes Dantas. - Cajazeiras, 2016.

50f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes.

Monografia (Especialização em Estudos Literários) UFCG/CFP, 2016.

1. Literatura comparada. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Gêneros literários. 4. Frankenstein - análise literária. I. Pontes, Carlos Gildemar. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.091

**JOSÉ CLAUDIO GOMES DANTAS**

**NOS QUADROS DA LITERATURA: O DIÁLOGO ENTRE O ROMANCE  
*FRANKENSTEIN* E SUA ADAPTAÇÃO PARA OS QUADRINHOS**

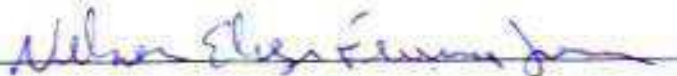
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Literários, sob a orientação do Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Especialista em Estudos Literários.

Aprovado em 27/04/2016

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Ms. Carlos Gildemar Pontes – Orientador**



**Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior – Examinador**



**Prof.ª Dr.ª Daise Lilian Fonseca Dias - Examinadora**

**Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa - Suplente**

À minha mãe e a Sergival (meu irmão –  
*in memoriam*),

**DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**. Pelas muitas vezes em que me mostrei sem crença, mas sempre senti a sua presença junto a mim.

À minha **Mãe**. A ela que devo tudo, inclusive perdão pela minha frieza e aspereza diante das circunstâncias de sua vida, mas sempre aceitando quem eu sou.

Ao meu **pai**. Mesmo tendo infortúnios e desentendimentos sempre me apoiou e me ajudou a seguir em frente. A ti, o meu perdão.

A meus irmãos **Tinobá, Sandoval, Dorgival** e **Maria** pelas tantas vezes que disseram que eu estava louco, me ajudando sem perceber.

A minhas cunhadas, **Aparecida** e **Edilene** por me presentarem com meus anjos.

Aos amores de minha vida: **Vitória, Vinícius** e **Cecília** pelas tantas vezes que os abracei para recarregar as minhas forças e seguir em frente.

Ao escritor, poeta e MEU orientador, **Carlos Gildemar Pontes**. Por mostrar-me que podemos melhorar a cada dia desde que abramos a cabeça para ouvir os mais velhos e, por se tornar um amigo de aprendizado e para a vida. E pela firmeza em sempre indicar o melhor caminho quando existiam muitas veredas.

A meu amigo/pai **Gian**, por ser espelho como excelente profissional e pessoa honrada e de bom coração.

Às amigas-mães **Dircilene, Ana Lúcia, Frank** e **Valdete** por sempre se fazem presentes em minha vida.

À **Luana** por ser um pilar em minha vida, bem como à **Maria** pela mão firme que tivestes em um momento de angústia e à **Annielly** pelos diálogos literários durante essa caminhada.

A **Kamyla** e **Barbára** pelas tantas vezes que precisei usar seus computadores já que nem sempre usei o meu e a **Geruiza** pelos papos e porres necessários à conclusão.

Aos meus **professores da UAL/CFP/UFCG** pelos significativos ensinamentos.

Aos **colegas-amigos do Joaquim Umbelino** pelos momentos que precisei me ausentar e ele sempre supriram essa necessidade com muita responsabilidade e companheirismo.

Ao grupo **Zona Sul** por me tirar do sufoco com as piadas e brincadeiras em off.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Ilustração da primeira capa da obra

**Figura 2** – A morte de Elizabeth.

**Figura 3** – A dúvida paira na mente de Victor.

**Figura 4** – Capa da adaptação para ilustrar as diferenças com a capa da 1ª publicação

**Figura 5** – Imagem ilustrativa da ausência das cartas

**Figura 6** – Ato da criação de Victor destacando a fidelidade ao texto de Shelley

**Figura 7** – Imagem para destacar a fidelidade das formas físicas da criatura

**Figura 8** – Imagem que realça o diálogo entre Victor e a criatura

**Figura 9** – Imagem que demonstra a preocupação de Victor ao produzir uma nova criatura

**Figura 10** – Imagem para realçar a morte de Elizabeth

**Figura 11** – Imagem que o ilustra o final da adaptação em Quadrinhos.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise comparativa entre o clássico romance inglês de Mary Shelley, *Frankenstein* (1818) e a adaptação em quadrinhos de Fiona Macdonald (2009). Este texto, primeiramente, destaca a importância de se definir as Histórias em Quadrinhos enquanto literatura, bem como delinear a relevância dos gêneros literários para isso. Em seguida, faz uma explanação sobre a relevância da leitura de HQs para a formação do leitor crítico. Após isso, fizemos a análise comparativa das obras citadas, destacando semelhanças e diferenças entre as mesmas. Esta monografia se apoia nas teorias de Coutinho (1978) e Aguiar & Silva (1982) por apresentarem definições da literatura; Coelho (1980) e seus estudos sobre os gêneros literários; Cirne (1977), Eisner (1999) e Ramos (2009) pelos estudos sobre as Histórias em Quadrinhos; Lajolo (2002) e Rezende (2011) por salientarem a importância da do ato de ler; Scholes (1991) e Silva (2012) pelas contribuições sobre literatura de terror que nos orientou na análise das obras citadas. Desse modo, é uma pesquisa que demonstra a importância da leitura de quadrinhos como uma nova literatura para a sociedade leitora.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura. História em Quadrinhos. Leitor literário. *Frankenstein*.



## ABSTRACT

The objective of this paper is to make a comparative analysis of the classic English novel of Mary Shelley, *Frankenstein* (1818) and the comic adaptation of Fiona Macdonald (2009). This text, first, highlights the importance of defining the Comics as literature, as well as outlining the relevance of literary genres for this. Then we will make an explanation of the relevance of comic reading for the formation of the critical reader. After that, we will make a comparative analysis of the works cited, highlighting similarities and differences between them. This monograph will be based on the theories of Coutinho (1978) and Aguiar & Silva (1982) for presenting literature settings; Coelho (1980) and his studies of literary genres; Cirne (1977), Eisner (1999) and Ramos (2009) for studies on Comics; Lajolo (2002) and Rezende (2011) by emphasizing the importance of the act of reading; Scholes (1991) and Silva (2012) for contributions on horror literature to guide us in the analysis of the works cited. Thus, it is research that demonstrates the importance of reading comics as a new literature for the reader society.

**KEY-WORDS:** Literature. Comics. Literary reader. *Frankenstein*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 LITERATURA E QUADRINHOS: A BUSCA DA CONCEITUAÇÃO .....	12
1.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM QUADRINHOS .....	12
1.2 APONTAMENTOS DA RELAÇÃO DA HQ COM OS GÊNEROS LITERÁRIOS	17
2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER LITERATURA.....	21
2.1 A RELEVÂNCIA DA LEITURA DE HQ NO DIA A DIA .....	21
2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LITERATURA EM QUADRINHOS .....	24
3 <i>FRANKENSTEIN</i> : DE MARY SHELLEY À ADAPTAÇÃO DE FIONA MACDONALD .....	26
3.1 <i>FRANKENSTEIN</i> , DE MARY SHELLEY .....	26
3.2 UMA ADAPTAÇÃO FIEL DE <i>FRANKENSTEIN</i> , EM QUADRINHOS .....	34
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	47
WEBLIOGRAFIA.....	49

## INTRODUÇÃO

As tentativas de definir o que seja literatura sempre chegaram a uma única conclusão: a literatura tem várias definições e possibilidades de ser definida. A literatura é uma área que permite que o leitor seja um crítico, pois através dela o ser humano é capaz de viajar sem se mover. Logo, a possibilidade do texto ser literário existe, neste caso, o que o definirá como literatura é a representação que ele fará de uma realidade.

As Histórias em Quadrinhos são um meio de comunicação de fácil acessibilidade tanto material quanto de conteúdo. Por ser um tipo de literatura de massa, as HQs com sua grande variedade e possibilidade de se relacionar com as obras originais faz com que o leitor entenda o gênero como uma nova literatura, isto é, uma literatura que prima no uso da linguagem verbal e não verbal. Em face disso, objetivamos analisar a obra *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley comparando-a com a adaptação em quadrinhos de Fiona Macdonald (2009), a fim de ressaltar a importância das HQs enquanto literatura, bem como mostrar que o ser humano pode se tornar um leitor literário através do Quadrinho.

É importante considerar que:

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação... As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto (ECO, 2003, p. 12).

Para que a Literatura possa atingir o público-alvo de uma forma eficaz, vários instrumentos de outras mídias que agem como facilitadores da aprendizagem podem ser incluídos neste processo. As HQs vêm servindo cada vez mais como intercurso midiático para a adaptação de grandes obras literárias; é a literatura de massa levando ao jovem aluno formatos simplificados e ilustrados de clássicos da literatura universal que vão de Shakespeare a Machado de Assis.

Ao pensar assim, a leitura das adaptações literárias é pertinente no dia a dia do aluno, pois cria uma ponte que interliga HQ, leitor e obra clássica.

Para que pudéssemos entender a literatura em quadrinho foi necessário se fazer um levantamento bibliográfico sobre a temática. É o levantamento bibliográfico o responsável inicial pelas discussões nesse texto, pois encontramos através dele, obras que discutem o assunto, livros, artigos, dissertações de mestrados e teses de doutorado que sempre serão a base e o pontapé inicial para qualquer tipo de pesquisa. Na verdade, a “realização do levantamento bibliográfico consiste na seleção de obras que se revelam importantes e afins em relação ao que se deseja conhecer” (MOROZ & GIANFALDONI, 2006, p. 32).

Essa pesquisa se estrutura em três capítulos. Apresentaremos, então, as suas sínteses de modo que facilite a compreensão, bem como a interpretação e discussão dos mesmos. O primeiro capítulo é responsável pela definição de literatura como uma arte capaz de oferecer conhecimentos ao ser humano que apoiados nos posicionamentos de Coutinho (1978) e Aguiar & Silva (1982), falaremos sobre a importância dessa definição, bem como salientaremos uma breve discussão sobre os gêneros literários de Coelho (1980). No segundo capítulo, temos um estudo apoiado em Cirne (1977), Eisner (1999) e Ramos (2009) que abordam a temática a fim de problematizar uma discussão a respeito da relevância de se ler Histórias em Quadrinhos para que se tenha um leitor literário crítico. A análise das obras será apresentada no capítulo três, alicerçados por Proença Filho (1995), iremos realçar as semelhanças e diferenças presentes nas duas obras, como trataremos a discussão da imagem da Criatura construída pelo jovem Frankenstein.

Nesse contexto, esse trabalho tem por intuito promover discussões a respeito da literatura em quadrinhos tendo por base umas das maiores obras da literatura inglesa, Frankenstein, além disso, promove uma análise significativa de momentos da obra original e de sua adaptação. Portanto, sugere a leitura das HQs como alternativas capazes de atrair os leitores para as obras clássicas.

## 1 LITERATURA E QUADRINHOS: A BUSCA DA CONCEITUAÇÃO

A linguagem é uma forma de comunicação pensada, analisada e utilizada pelo homem a fim de manter uma comunicação inteligível, portanto, é a literatura a responsável pela propagação do hábito de ler, podendo ainda ser utilizada para manter uma relação de harmonia com leitores iniciantes ao ponto de ofertá-los um mundo de busca de novos conhecimentos e informações. Ao ponto em que ele se utiliza da linguagem, percebe que o mundo é complexo e, conseqüentemente, capaz de disseminar veículos comunicativos diversos.

A disseminação da comunicação é responsável por nos direcionar ao conhecimento, de modo que veículos midiáticos sejam pontes de sustentação para nós, enquanto educadores, para utilização da ciência, da filosofia e da literatura como fontes de conhecimento. O cordel, as Histórias Orais e as Histórias em Quadrinhos (HQs) são tipos de literatura, que reforçam, no processo de comunicação, o gosto pela leitura.

A Literatura proporciona um prazer estético. O homem que lê literatura fruirá seu exercício de reflexão, sua interação com o próximo, seu senso de beleza, tornando-se um homem mais crítico e engajado na sociedade. Desse modo, é pertinente dizer que a Literatura revela os melhores e piores ângulos dos seres humanos em sua completude como cidadãos.

### 1.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM QUADRINHOS

A literatura é um universo particular e cheio de desdobramentos que envolvem o leitor em leituras prazerosas, subjetivas e plurissignificativas devido à grande possibilidade de interpretações que a linguagem literária proporciona. Essa linguagem sustentada pela teoria dos gêneros literários, ora auxilia na construção de leitores críticos, ora na construção de textos e seus personagens, contemplando não apenas uma decodificação linguística, mas mostrando o real significado do texto lido. Assim, “*litteratura* designa um *corpus* de textos seculares e pagãos, contrapondo-os a *scriptura*, lexema que designa um *corpus* de textos sagrados” (AGUIAR e SILVA, 1982, p. 2). Notamos aqui, a importância de se ter a literatura como leitura obrigatória para a construção do cidadão. Visto que, ler enriquece corpo e alma. Paulo Freire (1996), em seu livro comenta que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1996, p. 42).

Para Freire, a leitura de linguagens diversas acontece por meio de um processo natural em que o homem se sente na necessidade de decodificar o mundo através de sentidos e símbolos que se desprendem num mundo de conhecimentos múltiplos. É nesse sentido, de tentar compreender as diferentes linguagens presentes na sociedade, que a leitura de uma literatura em quadrinhos é necessária, pois ela abre novos caminhos por meio da crítica e se estabelece como uma forma de conhecimento, mediante o gozo da liberdade que a fruição estética permite, sendo que,

Do significado de *corpus* em geral de textos literários, passou compreensivamente o lexema *literatura* a significar também o conjunto da produção literária de um determinado país, tornando-se óbvias as implicações filosófico-políticas de tal conceito de “literatura nacional” (AGUIAR & SILVA, 1982, p. 7).

Sempre muito discutida, assim como a definição de literatura as Histórias em Quadrinhos surgem no final do século XIX, com o lançamento do personagem Yellow Kid de Richard Outcalt, nos Estados Unidos, em 1895, tendo sua proliferação através do lançamento dos personagens Poeye (1929) e Mickey (1930) sendo publicadas em revista em 1933 por Walt Disney.

Observando a definição de literatura apresentada por Aguiar e Silva, as Histórias em Quadrinhos são produtos sociais e históricos que expressam ficção por meio de uma figuração da realidade, noutras palavras, arte. Nesse sentido, as HQs são leituras que libertam um prazer estético, isto é, uma fonte de prazer inesgotável que a cada leitura, o leitor percebe um mundo novo e cheio de informações que podem ter passado despercebidas em seu primeiro contato com o texto. Leitor e obra formam um convívio harmônico provocando a discussão da literatura como um produto social, algo que não pode ser usado apenas como prazer, mas também para despertar a lucidez, a capacidade de raciocínio e o senso crítico do leitor, ou seja, não importa a função, mas o modo como a literatura em quadrinhos será recebida pelo leitor.

Contradizendo esse pensamento, (RAMOS, 2009, p. 17) afirma que:

Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens.

Assim como Ramos define os quadrinhos como um tipo textual que articula ideias isoladamente, baseando-se em narrativas ficcionais sendo, desse modo, uma forma de enxergar a literatura, as HQs são artifícios que fazem parte do dia a dia das escolas e por serem detentoras de uma linguagem de simples acesso, curta e mesclar palavras e imagens, despertando a imaginação, provocando a sensibilização e a imaginação do leitor com o texto. Entretanto, sabemos que a união desses elementos assegura a possibilidade de a HQ ser uma nova literatura devido a possibilidade de ficção e mostra de uma realidade inventada.

Ao pensarmos dessa maneira, vamos ao encontro da colocação feita por Cirne (1977, p. 45) ao dizer que:

os quadrinhos nasceram dentro do jornal — que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, — frutos da revolução industrial... e da literatura. Seu relacionamento com a televisão seria posterior — que o esquema literário que os alimentavam culturalmente seria modificado, mas não destruído. Em contradição dialética, os quadrinhos (e o cinema) apressariam o fim do romance, criando uma nova arte — ou um novo tipo de literatura — tendo o consumo como fator determinante de sua permanência temporal.

Apressando ou não o fim do romance, fica evidente que ao se propagarem como entretenimento através dos jornais, as HQs assumiram uma grande importância no cenário educacional, pois, se tornaram um veículo de comunicação em massa entre os leitores. Mendonça (2002) reforça o pensamento de Cirne (1972) a partir do momento em que enfatiza que com o passar dos anos as HQs ganharam estabilidade e alcançaram veículos de publicação especializados, os gibis, apesar de que hoje, ainda temos publicações em jornais, revistas, bem como na TV. Portanto, como afirma Abreu (2006), temos uma dificuldade em criar conceitos ou definições para tentar explicar a literatura, bem como é devido ao seu

caráter de plurissignificação que não temos uma definição universal e objetiva, mas histórica e cultural.

Entretanto, ao notar que assim como as propagandas, poemas, crônicas e, vários outros gêneros textuais, a HQ possui, dentre muitas, duas possibilidades de leitura, oral e visual, através das quais podemos observar a existência do literário, ou seja, da capacidade de nos dar prazer, ensinar e passar de geração em geração culturas diferentes, as HQs se configuram numa nova literatura. Isso porque

o lexema é fortemente polissêmico... a literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscrito no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos... uma novidade e uma ruptura em relação aos textos já conhecidos, mas podem ainda provocar modificações profundas nos textos até então produzidos, na medida em que propiciam, ou determinam, novas leituras desses mesmos textos (AGUIAR e SILVA, 1982, p. 14).

Desse modo, as HQs carregam em suas linhas e entrelinhas a polissemia própria da literatura, pois palavras e imagens se relacionam formando uma combinação capaz de criar efeitos positivos que as outras formas de literatura despertam no leitor. Assim, as HQs são literatura e, como textos literários, tem em si a capacidade de provocar no leitor a curiosidade por meio de sua estética e linguagem próprias tais quais as da literatura de textos clássicos.

A História em Quadrinhos mesmo sendo uma literatura autônoma é também uma forma comparativa de se perceber a literatura enquanto texto com o apoio da imagem, realçando os sentidos e produzindo novas possibilidades de publicações. Isso é fato, e como aponta Eisner (1999, p. 41):

nas histórias em quadrinhos, existem na verdade dois quadrinhos nesse sentido: a página total, que pode conter vários quadrinhos, e o quadrinho em si, dentro do qual se desenrola a ação narrativa. Eles são o dispositivo de controle da arte sequencial. Ora sistema de significação e comunicação, ora, uma soma de obras.



Essa dualidade nos permite afirmar que ambas são arte. Mas, uma arte capaz de estrangular nossos sentidos devido à sua capacidade de convencimento, tanto pela prosa, como pelo verso. Assim, são as HQs um importante veículo comunicador que passa significados por meio da linguagem de palavras e imagética, ou seja, um novo recurso que se junta e dialoga com a literatura canônica ou de massa.

Novos textos surgem a todo o momento, assim, os críticos literários são os responsáveis por designar se determinada obra tem um valor estético reconhecido, e então será inserido no contexto de obras para a leitura e análise literária. Com o surgimento de novos tipos textuais a cada dia, a definição torna-se cada vez mais perigosa na tentativa de conceituar o termo literatura apenas de uma forma. Enquanto texto literário, as HQs assim como as propagandas expressam uma linguagem figurativa e subjetiva capaz de provocar no leitor o gosto pela leitura. Se o texto tem como estrutura básica a linguagem, as HQs apresentam no recurso da imagem um elemento a mais na plurissignificação da obra. Nesse sentido, Eisner (1999) aponta que é possível contar histórias através de imagens, no entanto, quando unimos o útil ao agradável, isto é, unindo palavras e imagens, criamos uma sequência lógica que facilita a leitura e o entendimento do que se está lendo e, encontramos uma finalidade a mais para aquela leitura seja para nos dar prazer ou nos informar.

Disso, resulta a nossa conclusão sobre a natureza da obra em quadrinhos: uma HQ não contém apenas uma grande obra sendo reproduzida como um objeto, mas um mundo complexo de possibilidades, com vários significados e relações, isto é, outra literatura. Logo, as HQs possuem múltiplas utilizações independentes da época em que estão sendo lidas. O que prevalece nas HQs é o intuito de compreender a literatura como própria daquele tipo de texto. Através dela analisamos os recursos externos e internos do próprio texto, isto porque a linguagem poética prevalece na estrutura de texto apoiado por imagens, sendo mais fácil a sua concepção diante da linguagem visual. Assim, é provável que consiga, facilmente, ultrapassar as barreiras do texto, antes mesmo de terminar a sua leitura, visto que ele é estimulado através das sensações despertadas pela linguagem expressa também nas imagens.

A HQ é, pois, uma leitura que veicula múltiplos sentidos e ideologias. Elementos simples que possuem facilidade para uma leitura de múltiplos sentidos, através dos quais se relacionam à literatura e que, dependendo do modo como é visto, é uma ferramenta primordial para o ensino da língua.

Nesse sentido, uma das possibilidades de se abrir caminhos para esse estudo é por meio de uma reflexão a respeito da literatura e seus gêneros, portanto, criaremos um espaço e

percorreremos um caminho que vem de encontro ao que abordamos inicialmente a respeito da literatura e sua relação direta com as Histórias em Quadrinhos.

## 1.2 APONTAMENTOS DA RELAÇÃO DA HQ COM OS GÊNEROS LITERÁRIOS

A literatura é uma área que como afirmamos desencadeia no leitor um prazer estético, através do qual, possuído pela literatura o homem é capaz de refletir e identificar seu senso de beleza e horror, tornando-se mais compreensivo e engajado com a sua sociedade.

A polissemia presente no lexema promove a ideia de que não é tão fácil nem possível de chegarmos numa conclusão lógica e eficaz a respeito do mesmo neste momento. Isso é importante porque não restringindo o seu sentido, a leitura de um texto nunca poderá ser a mesma porque a cada releitura de um mesmo texto, descobrimos e desvendamos aspectos que ficaram nas entrelinhas de leituras anteriores. Desse modo, o termo “*litteratura*” por ser complexo não nos permite chegar a uma definição propriamente dita da literatura. Assim, as HQs não são apenas um veículo de suporte para a literatura, mas uma possibilidade de se fazê-la.

A escrita do texto nos mostra uma ideia do signo que considerando o texto literário como estrutura de significantes e significados, tem também uma ideia da literatura enquanto esfera de produção de textos artísticos. De fato, o conceito de literatura contempla muitas vertentes e nelas se encaixa a ideia de arte da palavra, linguagem artístico-poética que alude à ideia do código estético. Logo, as HQs são veículos ricos de signos literários por mesclarem escrita de palavras com imagens.

Na perspectiva de ser o texto literário um texto polissêmico, o lexema literatura possui significado e denotações distintas, seja resultante da expressão como sujeito ou predicado, tendo consigo uma referência imprecisa, tornando-se necessário uma análise contextual aprofundada para que o leitor não peque ao tentar defini-la. Enfim, a literatura é grandiosa por ter traço literário de caráter próprio que o distingue de um texto não literário.

Como notamos, as tentativas de definição de literatura são múltiplas e muitas vezes confusas. Os termos arte e literatura devem ser dialogados promovendo julgamentos que nos permite afirmar que a literatura é arte, mas uma arte capaz de ultrapassar nossos sentidos

devido a sua estética. Diante dessas afirmações, Coutinho (1978, p. 09) a define da seguinte maneira:

Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta.

Observando essa visão, o autor coloca que os gêneros surgem a partir do que o homem produz e compreende como verdade, tentando por meio desta traduzir e transcender um sentimento vivido por meio de uma compreensão um próprio julgamento. Assim, com a literatura nascem os gêneros literários, ramificações que possuem uma definição não tão fácil de ser estabelecida, nem tampouco compreendida. Diante disso, (COELHO, 1980, p. 37) afirma que:

É exatamente a estreita relação que os gêneros literários mantêm com problemas das mais diversas naturezas (estéticos, éticos, filosóficos, sociais, etc.) o fator que impede a existência de uma interpretação objetiva, nítida e indiscutível. Cada filósofo opta, forçosamente, por uma perspectiva que lhe sirva de apoio, e é função dela quando tudo o mais é definido.

Os gêneros literários sofrem transformações que se iniciam na Antiguidade greco-latina até os dias atuais. Felizmente, uma base teórica que nos permite uma primeira percepção, senão, a mais concisa dentro desse estudo é a que remonta a Aristóteles (2003) classificou os gêneros literários em épico, lírico e dramático.

A poesia narrativa (gênero épico) se estrutura através de versos longos que, em sua grande maioria, é recitada ao público a fim de promover a proliferação das longas histórias e seus heróis. Por conter narrações grandiosas que estão sempre centradas na figura de um herói

necessita da presença de um narrador. Como se vê “a poesia épica devia ser constituída por uma ação inteira, com princípio, meio e fim” (COELHO, 1980, p. 37). É, provavelmente, a mais antiga das manifestações da literatura. Desse modo, o poeta épico deve imitar as ações dos personagens de modo que sua atuação seja verossímil, sendo o narrador responsável pela contação da história, narrando sua sucessão de acontecimentos nos quais os fatos giram em torno dos personagens e, por ser contada, geralmente, no passado, o tempo e o espaço auxiliam na construção de seres mitológicos e heróis humanos.

A autora destaca que no gênero lírico a poesia deve ser breve, portanto, explorada através de pequenas estrofes que transmitem uma musicalidade própria do gênero. Nascido a partir da lira, instrumento que acompanhava os cânticos gregos, esse gênero é detentor de texto extremamente de caráter emocionais que sempre estão centrados na subjetividade da voz do eu lírico. Nesse gênero, os acontecimentos exteriores são fontes de inspiração para o poeta, sendo o eu lírico o responsável pela sua declamação através de seu mundo interior, isto é, uma “Área de concentração do ser onde o Eu está voltado para si mesmo, para as emoções do amor ou da solidão... em face da divindade, da morte ou do amor” (COELHO, 1980, p. 39). Assim, predominando construções em 1ª pessoa, a palavra cantada poderá ser feita por um eu lírico masculino ou feminino independente o autor do texto.

Por fim, em relação ao gênero dramático, textos que designam ação, estão centrados em três grandes eixos: ator, texto e público. A palavra quando representada possibilita que a poesia dialogue, assim, “O objeto de imitação (ou face da realidade imitada) na tragédia: ação de caráter elevado completa em si mesma, de extensão” (COELHO, 1980, p. 37). Em suma, a poesia lírica nasceu para ser cantada, para a recitação surge a épica e para ser representada a dramática.

Nesse sentido, percebemos que nas HQs existe a presença de signos visuais e linguísticos que detêm da linguagem verbal e não verbal, os quais são capazes de ajudar na interpretação de realidade feita pelo homem durante sua leitura. O valor dos signos, assim, não é novidade na literatura em quadrinhos porque desde a Antiguidade o home utilizava-se desse tipo de linguagem para representar a demarcação de território, bem como a importância de propagação de seus cultos religiosos, representação da natureza e modos de vida. Assim, relacionando-se com o gênero narrativo, a HQ manifesta a voz do narrador, assim, ao manifestar características desse gênero, a mesma se centra na cultura ficcional literária (CIRNE, 1977). Desse modo, a HQ se insere no cotidiano como literatura devido ao seu padrão narrativo.

Em gêneros literários como o poema, seja pelas assonâncias, aliterações ou pela sonoridade das rimas proporciona ao texto ritmo e entoação. Na HQ, o ritmo é levado pela presença da onomatopeia (CIRNE, 1977). Percebe-se assim que surge uma ruptura do que compreendemos como gêneros literários clássicos. Enquanto forma artística de representar-se como literatura, a HQ conduz o leitor por meio de temas diversificados que acompanham a evolução social, bem como desenvolve novas percepções a respeito do conceito da literatura e seus gêneros.

Essas afirmações nos aludem a Todorov (1988, p. 39) que destaca a importância do estudo dos gêneros literários:

El género es el lugar de encuentro de la poética general y de la historia literaria; por es a razón es un objeto privilegiado, lo cual podría concederle muy bien el honor de convertirse en El personaje principal de los estudios literarios.<sup>1</sup>

O que percebemos aqui é que mediante a presença da HQ como arte, ela possui valor estético que se apresenta na representação social da expressão dos seres e objetos que são narrados em sua composição, assim, são obras estético-literárias, não apenas alegorias.

Nessa perspectiva, resulta a nossa conclusão sobre a natureza da literatura e seus gêneros: ambos não são apenas “a grande obra ou autor”, mas, um mundo complexo de possibilidades, com vários significados e relações. Isso nos concerne percebê-los como produtos que possibilitam análises distintas e satisfatórias. Assim, um texto literário deve ser percebido pelo seu modo de existir, pela sua forma de ensinar, pelo seu jeito de agradar.

---

<sup>1</sup> O gênero é o ponto de encontro da história poética e literária em geral; por essa razão, é um objeto privilegiado, o que poderia conceder grande honra de se tornar o principal personagem de estudos literários. (Grifo meu)

## **2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER LITERATURA**

A literatura é a chave para que o aluno leia de tudo um pouco. Pela leitura, o estudante pode ler as entrelinhas dos textos, aproveitando melhor o que cada palavra significa. Lemos para entender o mundo, para podermos desvendar os mistérios da vida e vivermos melhor (LAJOJO, 2002). Através da leitura podemos criar situações que propiciam a nossa liberdade, bem como edificar conhecimentos até então subjetivos.

### **2.1 A RELEVÂNCIA DA LEITURA DE HQ NO DIA A DIA**

No que se refere à leitura da literatura em quadrinhos, é recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1998) que as histórias em quadrinhos sejam utilizadas no contexto de salas de aulas para auxiliar no trabalho do professor com a leitura sistematizada e/ou literária. Notamos, assim, um movimento crescente nas escolas, que tem ajudado a mudar uma concepção de cultura, conseqüentemente, de mundo, de vida.

Com base nesse crescimento, Rezende (2007, p.4) elucida que “Sem ler... somos sempre os mesmos”. Essa afirmação corrobora com Fregonezi (2003, p.3), pois, por meio da leitura “se obtém informações, que se entra em contato com as novas descobertas, que se aprende a regular os comportamentos do homem em seu convívio social”.

Lajolo (2002) aponta para a questão de que a leitura deva começar ainda na família se firmando na escola, entendemos que esse contato acontece antes mesmo de o leitor ter domínio de signos linguísticos escritos, pois em nossas casas, juntos a nossos pais desenvolvemos a habilidade de leitura através de nossos diálogos. Nesse sentido, temos consciência da importância da leitura da literatura em quadrinhos enquanto veículo transmissor de sentidos, bem como da necessidade de edificar sua existência em sala de aula e não apenas a sua decodificação.

Sobre o posicionamento de que a leitura de literatura em quadrinhos, o leitor percebe a plurissignificação de um texto, vale destacar a colocação de Kleiman (2004, p.13) ao mostrar que a leitura “se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura

o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. Ler é, portanto, o melhor instrumento que devemos usar para construir, modificar e criar sentidos para os textos.

A leitura deve ser usada para nos proporcionar labirintos, tornando-se uma prática indiscutível para a construção da essência do homem, bem como permissiva à interação em toda e qualquer esfera que dela se utilizem.

Ao observar isso, notamos nas HQs, à presença da leitura como acontecimentos por meio de signos visuais e linguísticos, pois neles encontramos a leitura verbal e a não verbal. Assim, na literatura, os signos funcionam como bases para que o homem possa interpretar a ficção e relacioná-la à realidade que está presente no texto. São, pois, os signos visuais a base das HQs. No que tange à linguagem verbal, as HQs são representadas por meio dos diálogos que se concentram no interior dos balões (CIRNE, 1977).

Quando pensamos na HQ como uma possibilidade de história que pode ser contada devido ao seu grande acesso ao público, percebemos que ela é essencial à vida humana. Através delas podemos usar da linguagem oral e escrita através da leitura verbal ou de imagens, ou ainda, através da combinação de todos esses aspectos. Assim, quando pensamos na literatura em quadrinhos como uma narrativa, a percebemos como um veículo propagador de ideias e valores tais como um romance ou outro gênero literário.

Diante disso, é possível entender que o agrupamento dos gêneros de Schneuwly e Dolz (2004) revela que as HQs possuem, enquanto manifestação humana, a função de narrar, logo, ao relatarem as histórias se impõem como um gênero de ficção literária. Assim, as Histórias em Quadrinhos se inserem literatura devido a sua capacidade de narração e apresentação estética visual ou escrita.

É importante destacar que a literatura é provida de particularidades, logo a literatura em HQs é um gênero de caráter narrativo que detém muito delas, por exemplo, as onomatopeias ou o uso das cores como artifícios artísticos que provocam o pensamento do leitor. Para Barbosa (2009, p. 35), a literatura em quadrinhos

constroem narrativas dialogadas (ou não), cujo objetivo é relatar uma história em que os personagens e cenários descritos (desenhados) fazem referência a um contexto também ficcional, além de brincar com a linguagem, o que vai acontecer com mais ou menos objetividade, dependendo do público leitor - a exemplo temos os quadrinhos de Maurício

de Sousa que, por serem endereçados a crianças, utilizam-se de uma linguagem mais acessível a esse tipo de público.

Para o autor, a arte literária das HQs está na linguagem, pois esta faz com que sintamos sensações, permitindo um deleite pelo texto através da leitura. Quando o texto se trata de uma HQ, o mesmo enriquece-se pela variação icônica produzida pelos autores através de seus textos verbais e não verbais, satisfazendo o ser humano através da necessidade que o mesmo tem de fantasiar uma história antes que compreendê-la em seu contexto.

Enquanto arte, a literatura é a metamorfose da realidade (LAJOLO, 1981), se tornando uma espécie de arma que denuncia os acontecimentos injustos da sociedade. Pode ainda ser um instrumento social capaz de aprimorar o conhecimento humano através da realidade que lhe cerca, bem como ser uma arte crítica e reflexiva, isto é, avaliar e produzir situações de fatos vividos pelo homem. Em face disso, as HQs podem tratar de assuntos socioculturais ou folclóricos, mas também humanos e sociais.

Assim, tornar-se um leitor ativo e competente requer dedicação e, principalmente, conhecimento dos mais variados gêneros literários. No caso das HQs, por ser um gênero literário narrativo, elas tendem a provocar o senso crítico do leitor de modo a fazê-lo pensar nos prazeres e dissabores provocados na leitura literária.

É necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico e social, como instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. No diálogo entre o mundo empírico e o universo ficcional, a literatura pode produzir um significado para o contexto em que vivemos (SILVA, 2003, p. 522).

No que diz respeito aos gêneros, enquanto instrumentos de uso do cotidiano do professor, bem como do pesquisador, as HQs aparecem como gênero literário que facilita a leitura, interpretação e compreensão do texto devido ao uso da linguagem verbal e não verbal. Nesse sentido, Silva e Arena (2009, p. 70) realçam que os mesmos



devem ser abordados também na escola, mas apresentados sempre em situações reais em que a criança vivencie e interaja com estes, percebendo-os como necessários e essenciais. A escola é o lugar em que ao longo do processo de ensino e de aprendizagem deve aproximar os gêneros vivenciados no cotidiano e os mais elaborados. A leitura, por mobilizar o conceito de gênero, coloca em ação modelos estruturais, temáticos e estilísticos relativamente fixos (contos, fábulas, crônicas de viagens, histórias policiais, poema épico, etc) que funcionam como formas mais ou menos estabilizadas e, portanto, reconhecíveis.

Diante disso, acreditamos que através das HQs “pode-se tratar de qualquer assunto, em qualquer disciplina ou grau de ensino. A contribuição para a Língua Portuguesa, Redação, leitura e Educação Artística dispensa comentários” (CUSTÓDIO, 2007, p. 65). Assim, os mesmos por terem um caráter facilitador auxiliam no desenvolvimento da linguagem e ao motivar essa permuta entre o leitor e a literatura em quadrinhos, percebemos que esse tipo de literatura é um novo gênero que apresenta uma plurissignificação de abordagens, bem como personagens e assuntos capazes de conduzir o leitor para uma formação crítica. Portanto, ler quadrinhos fortalece a nossa habilidade de leitura, pois a união de palavras junto às imagens funciona de forma mais eficiente que apenas em um texto de linguagem verbal.

## **2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LITERATURA EM QUADRINHOS**

O ato da leitura de literatura não acontece somente pela possibilidade de se decodificar o alfabeto, mas pela capacidade do ser humano conseguir enxergar a habilidade ler literatura em quadrinhos como essencial para o seu dia a dia. Não é apenas uma prática individual, neutra, mas uma prática que se consolida pela interpretação global feita através da percepção de vários indivíduos. Assim, ler é conquistar espaço através de batalhas que podem ser encabeçadas em qualquer área de estudo, ou seja, a leitura liberta.

Quando pensamos assim, observamos que o leitor de HQs se apropria da obra a partir da primeira leitura, produzindo um repertório de conclusões que se identificam mais facilmente por meio do uso da linguagem visual, bem como por suas ações na trama e ideias desenvolvidas no decorrer da leitura. O que acontece é que “Transpor uma obra de uma dada prática estética para outra prática estética implica assumir semiologicamente os signos de uma nova linguagem” (CIRNE, 1972, p. 93). A adaptação em quadrinhos é uma leitura que facilita

a tradução de sentidos para o leitor, pois esse cria estratégias que envolvem as múltiplas linguagens e as múltiplas possibilidades de interpretação.

Nesse sentido, ler literatura em quadrinhos é um ato prazeroso, ou seja, “A literatura pode levar o indivíduo a refletir e conseqüentemente a perceber a manipulação ideológica daqueles que detêm o poder” (ZYNGIER, 1997, p. 10). Assim, a literatura em quadrinhos é uma forma de comunicação em que suas histórias são contadas por meio de imagens e textos interrelacionados capazes de informar ou apenas entreter o leitor, mas, sobretudo, uma forma de transmissão de ideologias, logo, favorece diretamente a formação do leitor literário.

Ao interferir na construção leitora das pessoas, a literatura em quadrinhos pode afetar a educação do leitor literário por estar “Reproduzindo contextos e valores culturais, as histórias em quadrinhos oferecem oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos sobre o mundo social” (ALVES, 2001, p. 6). Portanto, por ser a literatura em quadrinhos uma atividade aberta e cheia de possibilidades de interpretações, ela nos permite viver um mundo de imaginação onde passamos por experiências emocionais e intelectuais capazes de nos moldar sem provocar grandes desacordos no modo de enxergarmos o dia a dia.

É importante salientar que a HQ, enquanto literatura,

tem duas faces e orienta-se para duas direções distintas, uma das quais visa a fonte e contexto original dos sinais que se decifram, baseando-se a outra na situação textual da pessoa que procede à leitura. Pelo fato de a leitura constituir sempre matéria de, pelo menos, dois tempos, dois locais e duas consciências, a interpretação mantém-se infinitamente fascinante, difícil e essencial (SCHOLLES, 1991, p. 23).

Por isso, não podemos ter as HQs como uma mera decodificadora de narrativas, mas, sempre compreender que ela pode assumir essa função desde que o leitor consiga chegar a uma compreensão global da história original.

### **3 FRANKENSTEIN: DE MARY SHELLEY À ADAPTAÇÃO DE FIONA MACDONALD**

A literatura como uma arte traz consigo uma vasta possibilidade de se manifestar a criticidade do leitor no dia a dia, bem como os mais variados meios de comunicação para isso. De longe, o livro, ainda, é o meio mais utilizado pelas pessoas para terem a acesso de suas obras e seus autores. Ainda, podemos frisar que através das imagens, como nas HQs, o homem tem na literatura a busca pela explicação do universo, ao mesmo tempo em que procura saídas para os medos, mediante as suas descobertas.

Dentro desse contexto de medos e incertezas, a literatura absorve o mundo maravilhoso da literatura oral e abre caminhos para criação de novos seres, como o personagem criado por Mary Shelley, no século XIX, com a obra homônima *Frankenstein*. A obra narra fatos que se misturam entre realidade e fantasia, tendo como pilar a criação de um ser por meio de restos físicos de defuntos.

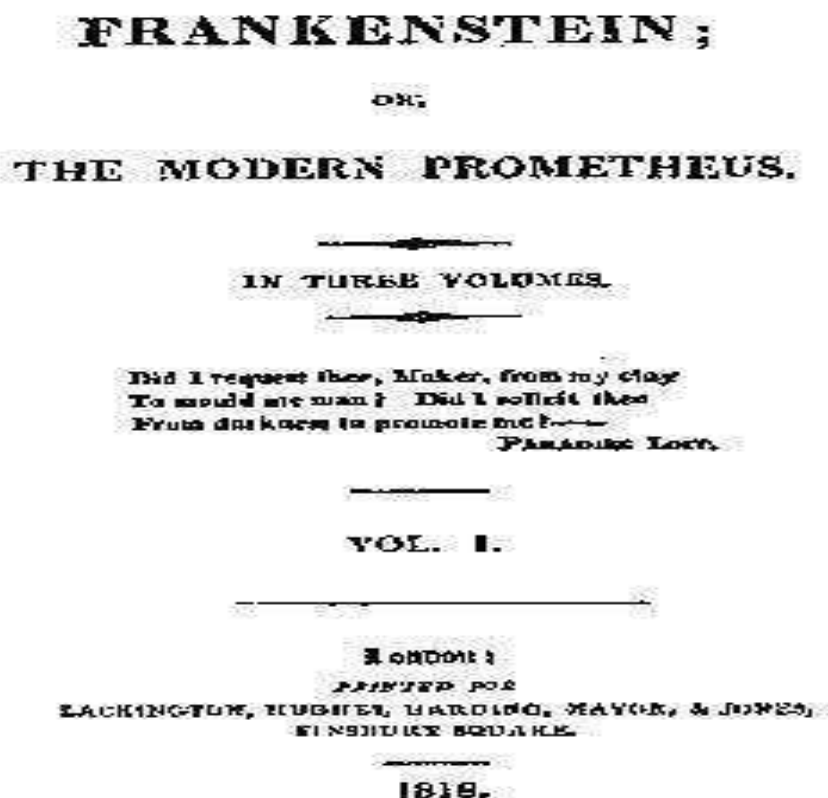
De acordo com Todorov (2002) o gênero fantástico tem como ato primordial a busca incessante pela descoberta de fenômenos estranhos e sobrenaturais que possibilitam a explicação do cotidiano real. Nesse contexto, apresentaremos, a seguir, uma análise da obra *Frankenstein* de Mary Shelley, destacando e problematizando algumas das principais passagens, observando pontos em comuns e pontos divergentes a fim de compará-los com a adaptação de Fiona Macdonald para os quadrinhos.

#### **3.1 FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY**

Reunidos durante o verão de 1816, na cidade de Genebra, estavam: Mary Shelley, Percy Shelley, Lorde Byron e John Polidori. Embriagados pelas histórias de horror/terror, numa noite comum a tantas outras, Byron lança um desafio: todos deveriam escrever um conto de terror e lê-lo para os amigos. Logo, de uma noite de sono difícil, cheia de pesadelos, a exímia Mary Shelley escreve o grandioso, senão, a maior obra de ficção científica do terror gótico inglês, *Frankenstein*. Medo, dor e sofrimento criam uma vereda para que nós possamos entender a obra.

Considerada uma das mais importantes obras da literatura inglesa, *Frankenstein*, publicado em 1818, relata a história dolorosa do jovem cientista, Victor Frankenstein que tenta perpetuar a vida apossando-se do mistério de Deus e recriando-a essa, o ser a partir da matéria morta. É aqui que o texto vai além de um simples romance gótico da literatura inglesa. De modo singular, a primeira publicação sai sem nome de autor, anônima. Entretanto, graças a essa simples publicação em preto e branco, temos hoje umas das mais importantes obras da Literatura Inglesa. Na verdade, além do que as pessoas erroneamente costumam pensar a respeito da obra, que é dada o nome de *Frankenstein*, quando na verdade esse é o nome de seu criador. Victor Frankenstein busca chegar ao topo das descobertas e acima de todos os que o rodeiam e, com isso, traz ao mundo uma criatura que jamais desejou nascer daquele modo. A seguir, a imagem reflete a simplicidade da primeira tiragem de cópias, no caso, em três volumes, sendo este o primeiro.

**Figura 1** – Ilustração da primeira capa da obra



Disponível em: <<http://web.quipo.it/frankenstein/thebook.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Escrita no formato de romance epistolar, *Frankenstein* narra as aventuras do capitão Robert Walton que escreve à sua irmã, Margareth Saville. O que encontramos nas epístolas é

uma narrativa densa que nos faz refletir sobre até onde pode confrontar a grandiosidade de Deus. A história narrada nos remete ao avanço da tecnologia e ao medo que isso nos provoca, traz ainda o confronto entre ética e moralidade, em suma, uma narrativa sobre os pavores do desconhecido.

O romance escrito quando entre os anos 1816 e 1817, quando Mary Shelley tinha 19 anos, narra a história do jovem estudante Victor Frankenstein que constrói uma criatura a partir de restos de mortais em seu laboratório.

Tudo começa com a escrita de quatro cartas enviadas pelo capitão Robert Walton à sua irmã Margareth, contando suas aventuras na exploração ao Polo Norte. Num certo dia, quando ficam presos pelo gelo, Robert e seus marinheiros avistam um trenó e uma criatura gigantesca sob ele rumo ao norte. Na manhã seguinte ao acontecimento, os mesmos resgatam um homem que pairava sob uma placa de gelo, cujo nome era Victor Frankenstein que ao tomar consciência relata a Robert sua história de infortúnios. Victor conta sua história de vida e paixão por Elizabeth, bem como morte de sua mãe e o desejo que ela tinha em seu casamento com a jovem. Antes do casamento, Victor ingressa na Universidade de Ingolstadt para estudar Ciências Naturais. Depois de dois anos, resolve estudar Fisiologia e descobre como animar a matéria morta. Daí surge o ser gigantesco, construído com partes de cadáveres. Tomado pelo medo, ele percebe que deu vida em um ser horrendo.

Pesadelos assustam Victor em um sono e ao acordar ele vê a Criatura, mas sai correndo às ruas e encontra Henry Clerval, seu amigo de infância em Ingolstadt, que havia vindo à Genebra para estudar. Em seguida, ao ficar acamado, Victor tem Henry como enfermeiro. Ao ser reestabelecer, Victor começa a estudar Literatura junto com Henry.

Certo dia, ele recebe a notícia de que William, seu irmão caçula, estava morto, retorna à Genebra e lá, vê a Criatura e logo deduz que ela era a responsável pela morte do pequeno. Ao chega, seu irmão Ernest diz que Justine Mortiz era culpada por tudo porque a joia que William usava foi encontrada em seu poder, sendo Justine julgada e condenada. Sentindo-se culpado pela morte de Justine, Victor vai passear pelas montanhas e encontra a Criatura. Ela implora a Victor para que ouça sua história. Ela conta como desenvolveu seus sentidos e como aprendeu a falar com a família de um velho cego de nome De Lacey e seus filhos Felix e Aghata que moravam em uma cabana e como aprendeu a ler e a escrever até ser odiado e rejeitado pelos homens, decidindo ir ao encontro de seu criador e no meio do caminho pondo fim a vida de seu jovem irmão, jogando a culpa na jovem Justine que estava adormecida num

celeiro. Ao concluir sua narrativa, a criatura pede para que Victor crie uma fêmea para lhe fazer companhia.

Primeiramente, concorda, mas percebe o erro e a destrói antes de lhe dar vida. Isso provoca a ira da criatura que promete vingar-se na noite de núpcias de Victor e Elizabeth. Ao retornar para Genebra, Victor é acusado da morte de Clerval e cai em coma. Ao acordar, retoma a ideia de casamento e a cumpre.

Após isso, prepara-se para a chegada da criatura, mas antes de vê-la, ouve um grito de sua amada e a encontra morta em seu leito, subitamente, ele vê a criatura fugindo e sumindo no lago. Sai em perseguição e só acaba quando é encontrado preso em um bloco de gelo no mar e é salvo por Robert.

Ilustraremos essas colocações a partir de uma seleção de passagens da obra de Shelley a fim de fundamentar a nossa análise e discussão da adaptação para literatura em quadrinhos de Fiona Macdonald.

O primeiro ponto que destacamos na obra é o modo como a mesma é escrita. Como mencionado anteriormente, uma obra complexa, escrita de modo epistolar. Em seguida, o que nos chama a atenção é o posicionamento do jovem cientista acerca da busca pela preservação do ser humano mesmo depois de seu estado de decomposição:

Tanto já foi feito, exclamou a alma de Frankenstein – mais, muito mais é o que alcançarei; seguindo os passos que já foram dados, serei pioneiro num outro caminho, explorarei poderes desconhecidos e revelarei ao mundo os mais profundos mistérios da criação (SHELLEY, 1999, p. 61).

Em diálogo com a adaptação em HQ de Macdonald (2009), a autora narra o fato da seguinte maneira: “Quer encontrar a força que faz a vida acontecer. E se pergunta por que as plantas – e as pessoas – morrem, mas as pedras sobrevivem para sempre?” (MACDONALD, 2009, p. 9). Note que nas palavras narradas está presente na adaptação. Além disso, ambas as obras apresentam a ideia de que a morte jamais foi ou será aceita ou bem vista pelo ser humano, portanto, a busca incessante por tratamentos que, por exemplo, paralisam o envelhecimento ou decomposição da pele sempre está em discussão entre os cientistas que são motivados pelo assunto. Victor, como tal, sempre esteve em confronto consigo mesmo e com a incapacidade de o ser humano ser capaz de tornar isso uma realidade.

A seguir, notamos por meio do discurso proferido pelo jovem que seu desejo de se sobrepor a Deus é tão grande, pois ele é capaz de abandonar qualquer respeito ao Superior para ter domínio da ciência. Observamos que, segundo Victor, quem detém da ciência como fonte criadora, rara e dificilmente vez será capaz de abandoná-la:

Quando me dei conta de que tinha nas mãos um poder tão assombroso, hesitei durante muito tempo acerca da forma como deveria utilizá-lo. Embora possuísse a capacidade de conferir a vida, preparar uma estrutura para recebê-la, com toda intrincada rede de fibras, músculos e veias, permanecia ainda uma tarefa de inconcebível dificuldade e esforço. Eu tinha dúvidas, a princípio, sobre se deveria tentar criar um ser como eu próprio, ou uma organização, contudo, estava exaltado demais por causa de meu primeiro sucesso para me permitir duvidar de minha competência para dar vida a um animal tão complexo e maravilhoso quanto o homem (SHELLEY, 1999, p. 66).

Para Victor, a sua criação é ao mesmo tempo algo complexo e maravilhoso capaz de ser comparado à criação divina. Ora, o jovem tinha em mente trazer os mortos à vida. Esse mesmo pensamento é reforçado em Macdonald (2009) quando a autora usa do narrador para indagar se ele seria capaz de dar vida a um ser tão grandioso e maravilhoso quanto o homem. Observe que as dúvidas e inconsistências de aceitação estão presentes nas duas obras, porém, sempre determinado, Victor é um exímio cientista.

Uma mente de capacidade moderada de certo alcançará uma grande competência dedicando-se a esses estudos; eu, que empenhava sem cessar num único objeto de pesquisa e dedicava-me exclusivamente a ele, progredi com tanta rapidez a ponto de ter feito, ao cabo de dois anos, algumas descobertas relativas à melhoria de certos instrumentos químicos que me trouxeram grande estima e admiração na universidade... Um dos fenômenos que me atraía particularmente a atenção havia sido a estrutura do corpo humano... Familiarizei-me com a ciência da anatomia, mas não era suficiente; devia também observar a decomposição natural do corpo humano (SHELLEY, 1999, p. 64).

Equiparando-se por conta própria a Deus, o personagem do jovem cientista quando se utiliza de seu alto grau de inteligência e habilidades dentro do campo da ciência, consegue dar

vida ao impossível e inanimado. Nas palavras do cientista fica clara sua astúcia. Observemos a seguir:

O que afirmo agora é verdadeiro, tanto quanto o sol que brilha no céu... Após dias e dias de trabalho e cansaço inacreditáveis, consegui descobrir a causa da geração da vida; não, mais do que isso, tornei-me eu próprio capaz de dar vida à matéria inanimada... A descoberta, contudo, era tão grandiosa e esmagadora que todos os passos através dos quais eu fora progressivamente conduzido a ela acabaram esquecidos, e eu só admirava o resultado (SHELLEY, 1999, p. 65).

Ao concluir sua obra, Victor se sente orgulhoso por poder dominar a ciência, mas, sobretudo, por equiparar-se a Deus, todavia, ao notar o que fez e por não suportar a imagem física de sua criação, a abandona. Ao tomar consciência de que rompia com os limites entre natural e sobrenatural, ele não aceita que o homem seja capaz de lutar contra Deus, entretanto, o mesmo toma nota de que o que estava feito já não poderia mais ser controlado, pois era a ciência a causadora daquilo tudo e que sempre que hesitasse seria tomado pela fome incessante de descobertas e batalhas contra a ciência. Para ele “O ideal seria que o homem preservasse sempre uma mente calma e tranquila, e jamais permitisse que uma paixão ou um desejo transitório lhe perturbasse a paz” (SHELLEY, 1999, p. 68).

As incertezas dessa passagem em Shelley se assemelham com o aspecto visual da figura de Victor na adaptação. Note que a criatura assemelha-se a Victor, no caso, podemos frisar que na obra em HQ, a obra destaca que mesmo sendo uma criatura de aparência horrenda, a mesma, em certos pontos, poderia ser dotada das mais belas feições humanas.

**Figura 2** – A dúvida paira a mente de Victor.



MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.13.



Mesmo com dúvidas sobre o que fazia, Victor estava tomado pelo desejo de construção física a partir de restos mortais. Mary Shelley proporciona a Frankenstein o alcance da glória pessoal, mas também o embebece num mundo obscuro aonde as consequências viriam rapidamente para ele e sua família, como notamos na citação a seguir proferida pelo jovem cientista no funeral de seu irmão caçula:

- William, meu anjo querido! Este é o seu funeral, sua missa de réquiem!

Ao dizer essas palavras, percebi, na escuridão, um vulto que saiu furtivamente detrás de um grupo de árvores perto de mim; detive-me, olhando-o atentamente. Não podia estar enganado. O clarão de um relâmpago iluminou o vulto e revelou-me claramente suas formas; a estatura de um gigante e a deformidade do aspecto, mais horrendo do que seria possível num homem, no mesmo instante, informou-me de que era aquele desgraçado, o vil demônio a que eu dera vida. O que fazia ali? Tão logo o pensamento atravessou-me a imaginação, convenci-me de que era verdade; meus dentes tremiam, e tive que me encostar numa árvore, para apoiar-me. O vulto passou rapidamente por mim e eu o perdi de vista na escuridão (SHELLEY, 1999, p. 88).

Arrependido de sua criação, Victor não promove aos seus amigos e familiares o invento que para ele se tornou único, mas pavoroso. Preso em seu laboratório que para a criatura funcionou como uma jaula, a mesma consegue fugir para a sociedade, mas permanece escondido devido ter consciência de sua aparência.

O que notamos é que “Victor está apavorado. Trabalhou tanto e agora seu sonho virou pesadelo” (MACDONALD, 2009, p.14). A criatura passa por uma viagem de conquistas, desafios e decepções, uma verdadeira tragédia aos que se aproximam do mesmo. Assim, observemos na obra de Shelley o desconforto de Victor ao se referir à sua criação:

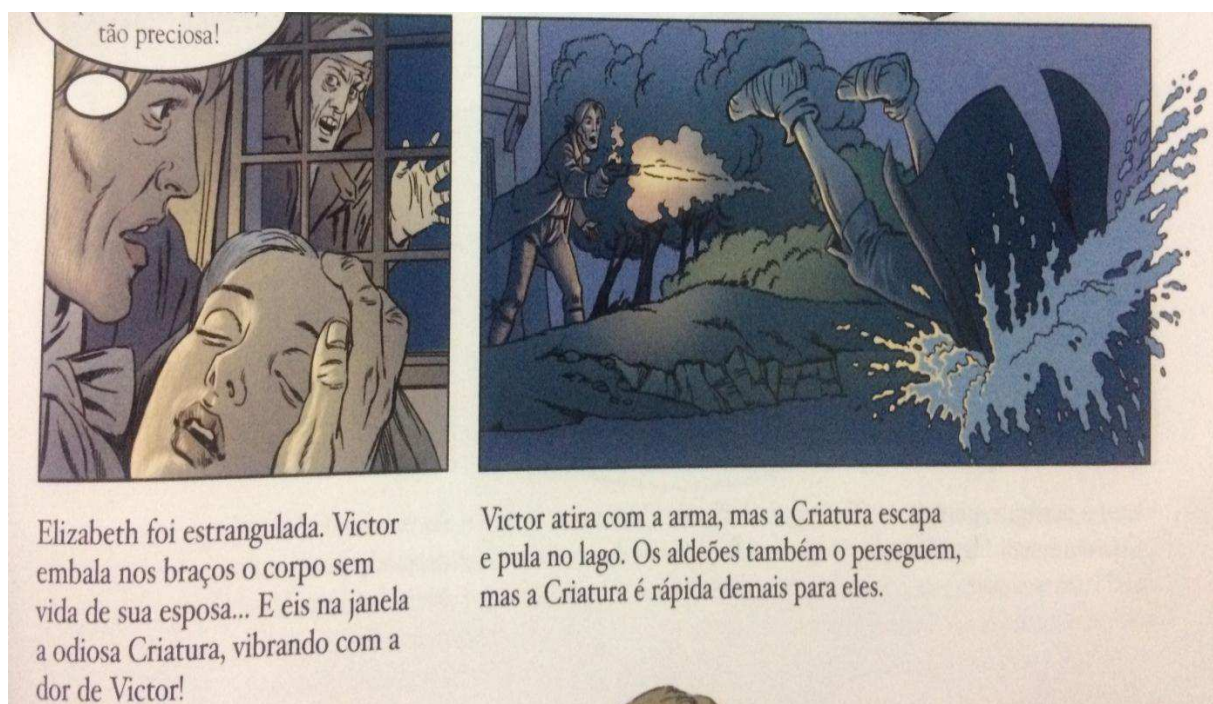
Ah! Nenhum mortal suportaria o horror daquele semblante. Uma múmia dotada de vida não seria tão medonha quanto aquele infeliz... Junto a esse horror, eu sentia a amargura do desapontamento; os sonhos que haviam sido meu alimento e meu agradável refúgio durante tanto tempo tornavam-se agora um inferno para mim; e a mudança fora tão rápida, tão completa a destruição! (SHELLEY, 1999, p. 71-72).

Mergulhado num ambiente sombrio em sua própria consciência, o jovem cientista é o responsável pelas adversidades causadas pela sua criatura. Como afirma Macdonald (2009, p.17) “Ele parece sentir as mãos enormes do monstro fechando em volta da sua garganta”.

No entanto, mesmo temeroso pela maldade que sua criação pudesse causar a todos que se aproximassem dela, Victor não imagina que a criatura poderia evoluir rapidamente e desenvolve a fala e proclama: “Maldito, maldito criador! Por que razão continuei vivo? Por que, naquele instante, não extinguiu a centelha de existência que você tão arbitrariamente concedera?” (SHELLEY, 1999, p. 144). Isso é reforçado na adaptação quando a criatura se pergunta: “Quem sou eu? Quem sou eu?” (MACDONALD, 2009, p. 25). São indagações que nos comove e provam que a criatura, na verdade, não era má, mas a sociedade que o corrompeu.

Em seguida, a criatura tomada pelo desejo de viver anseia pelo desejo de multiplicação, mas para que isso aconteça era preciso uma figura semelhante, mas do sexo feminino. Num primeiro momento, arrependido e tomado pela angústia da morte de William, Victor dar o pontapé inicial da nova criação, no entanto, desiste, o que provoca a ira de sua primeira criação e isso também acontece na adaptação.

**Figura 3 – A morte de Elizabeth.**



Note que nas falas do narrador, o fato é descrito com muita clareza e para Victor, não permitir que a criatura tivesse a possibilidade de se reproduzir era a solução, mas o cientista não esperava pelo acontecimento “O infeliz viu-me destruir a criatura de cuja futura existência dependia sua própria felicidade, e, com um uivo diabólico, desespero e desejo de vingança, afastou-se” (SHELLEY, 1999, p. 173), provocando a ira de sua criação, a criatura desafia a todos e mata a noiva de Victor, Elizabeth. Note a seguir que o conflito é resultante das insatisfações de Victor sobre a sua criação:

Quando o monstro parecia estar contido, quase ao alcance de minhas mãos, minhas esperanças subitamente se foram: perdi seu rastro de forma mais absoluta do que jamais acontecera antes. Ouvi o mar rugir sob o gelo; o ribombar das ondas querolavam sob meus pés tornava-se cada vez mais terrível e ameaçador. Apressei-me, mas em vão (SHELLEY, 1999, p. 212).

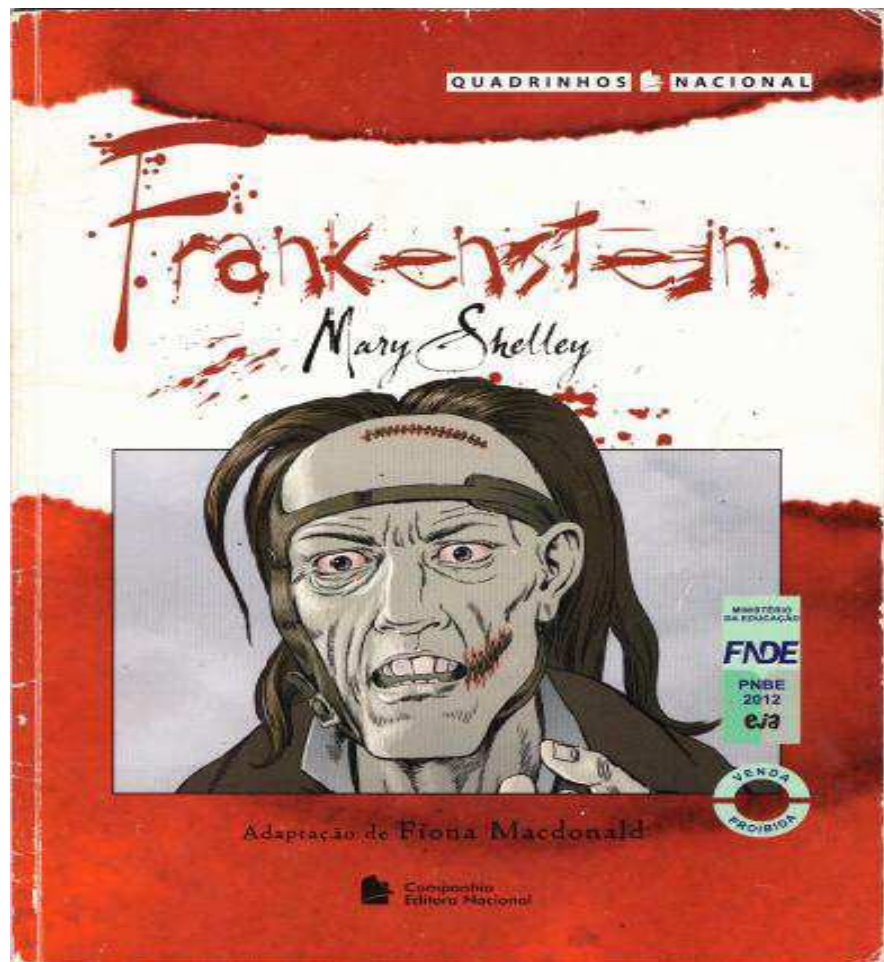
Tomado de ódio, revolta e arrependimento, Victor tenta vingar-se da criatura no mesmo momento, porém, fugindo do criador, a criatura some na escuridão. Logo, Victor falece, a criatura volta a seu encontro arrependido de seus atos, mas tranquilo. Sai pelo frio, escuridão e some na geleira. Aqui, a narrativa termina e provoca o leitor a pensar nas atividades de Victor, da Criatura e da sociedade.

### **3.2 UMA ADAPTAÇÃO FIEL DE *FRANKENSTEIN*, EM QUADRINHOS**

Publicada a primeira vez em 1º de Abril de 2008, inglesa, classificado como arte sequencial, *Frankenstein*, Fiona Macdonald traz aos leitores, em formato de HQs, uma das obras mais famosas e importantes da literatura inglesa, a história do jovem cientista Victor Frankenstein. Contando a história de relatada em sua obra por Shelley, sendo fiel ao enredo da obra, a autora promove uma leitura simples, rápida e cheia de contornos que a literatura pode provocar no leitor. Portanto, o que mostraremos a partir de agora são recortes feitos da obra, sejam eles imagens ou passagens do texto da publicação de 2009, em Língua Portuguesa a fim de promover uma discussão com a análise anterior.

Observemos a imagem da capa da adaptação em HQ. Cheia de cores, letras decorativas e imagem, temos uma obra aparentemente diferente, porém, em concordância com a original. Nesta, encontramos pontos interessantes que dialogam com a obra de Shelley, bem como alguns que, em especial, reforçam a linguagem literária presente na adaptação, portanto, é essencial observar cada detalhe por mais simples que seja. Assim, podemos confrontar e dialogar todos os aspectos presentes nas duas obras.

**Figura 4** – Capa da adaptação para ilustrar as diferenças com a capa da 1ª publicação



MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Como observamos, ao compará-la com a capa da primeira publicação, notamos que grandes mudanças acontecem. De início, surge a capa com destaque para o vermelho, mas, sobretudo, com a imagem da criatura. Um monstro horrendo que, certamente, evidencia a aproximação entre os personagens e os leitores para, conseqüentemente, se obter a interpretação e compreensão do texto.

Em uma pesquisa sobre o significado das cores nas obras literárias, Ferreira, Melo, Carvalho e Leite (2000) explicitam que as cores estão relacionadas a quase todas as situações vividas pelas pessoas e, na literatura, estão relacionadas às mesmas eventualidades, a citar a morte, a dor, o sofrimento. A salutar, a cor vermelha da capa transmite através de sua aproximação com o mágico, com demônios, com a paixão e, nesse caso, personifica o sangue e a morte. Isso fica claro porque os detalhes do título e em como o vermelho estão dispostos pela capa denotam respingos de sangue. Um perigo evidente.

Além do uso das cores, outros pontos merecem destaque na interpretação das HQs. A redução dos textos, ponto importante que deve ganhar destaque na literatura em quadrinhos é a redução de textos. Um texto muito longo pode ser cansativo e afastar leitores iniciantes da leitura de obras originais (no caso, as publicações narrativas, descritivas e dissertativas), sendo assim, a obra adaptada permite que o contato com a leitura, a interpretação e a compreensão aconteçam com maior frequência. Observemos a imagem a seguir:

**Figura 5** – Imagem ilustrativa da ausência das cartas



MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.7.

O que temos aqui é uma compilação das epístolas trocadas entre Walton e sua irmã. Note que no primeiro quadrinho, temos apenas uma representação imagética da escrita das cartas e ao fazer isso, ou seja, ao reduzir essa ideia em forma de resumo informativo, Fiona Macdonald proporciona ao leitor o conhecimento das cartas de modo simples, sem a leitura das mesmas, mas que não foge à característica da obra.

Isso é reforçado em uma das cartas: “Este manuscrito certamente vai proporcionar a você grande prazer; mas fico imaginando, eu, que conheço a personagem e que ouço a história de seus próprios lábios, com que interesse não o lerei no futuro!” (SHELLEY, 1999, p. 28).

Observe que em Shelley as cartas são apresentadas para que Walton faça uma narração indireta de sua percepção da história contada por Frankenstein, um recurso literário típico da época.

Embora aconteça a supressão de algumas partes do texto, é importante destacar a fidelidade ao enredo do texto original que a adaptadora usa em sua criação.

Assim, na adaptação das cartas existem, mas para que a leitura fosse facilitada e que não quebrasse o elo entre leitores da obra, muito menos o fluxo de narração das histórias em quadrinhos, as mesmas foram compiladas a uma informação sobre a sua existência na obra original.

Outro momento em que há a supressão de textos é extremamente importante e diz respeito ao fato de Victor desejar sua superioridade diante dos mortais. Nesse caso, o que acontece é que a autora da HQ usa desse recurso para aproximar obra e leitor a fim de proporcionar a este a possibilidade de uma compreensão dos fatos com maior facilidade de acesso.

Mesmo sendo um leitor iniciante, quando observados os aspectos visuais da obra, sempre se nota a sequência narrativa através das imagens e isso provoca o leitor a pensar e analisar o uso de tais imagens na construção da história. Assim, ao suprimir o texto escrito, a adaptação em quadrinhos aproxima o leitor da obra, fazendo com que este tenha uma interpretação da obra, antes mesmo de ter contato com o texto escrito.

Vejamos a imagem a seguir que mostra que a obra de Shelley mantém-se viva na adaptação para os quadrinhos de Macdonald. A imagem faz um recorte do momento em que Victor entende o sentido da vida.

**Figura 6** – Ato da criação de Victor destacando a fidelidade ao texto de Shelley

## O SENTIDO DA VIDA

**Panel 1:** Victor se esquece completamente de tudo sobre sua família. Está absorto em estudar. Não acorda dias e noites, lendo e fazendo experimentos.

**Panel 2:** Victor aprende rapidamente e seus professores estão satisfeitos. Todavia, não conta a eles tudo o que está fazendo. Em segredo, está dissecando cadáveres para descobrir de onde vem a energia vital.

**Panel 3:** Uma bruxaria e rituais mágicos, no entanto, não ajudam.

**Panel 4:** Victor pega corpos em decomposição dos cemitérios e túmulos. Lentamente, observa como os corpos se decompõem. Ele está realizando seus rituais.

**Panel 5:** Ele finalmente descobre o que precisava: o segredo da própria vida.

**Panel 6:** Poderia ele criar uma ser tão maravilhoso como o homem?

**Panel 7:** Mas Victor não desistiu. Surgiu outro problema: a criação vital que descobriu precisa de um corpo de carne e osso para viver.

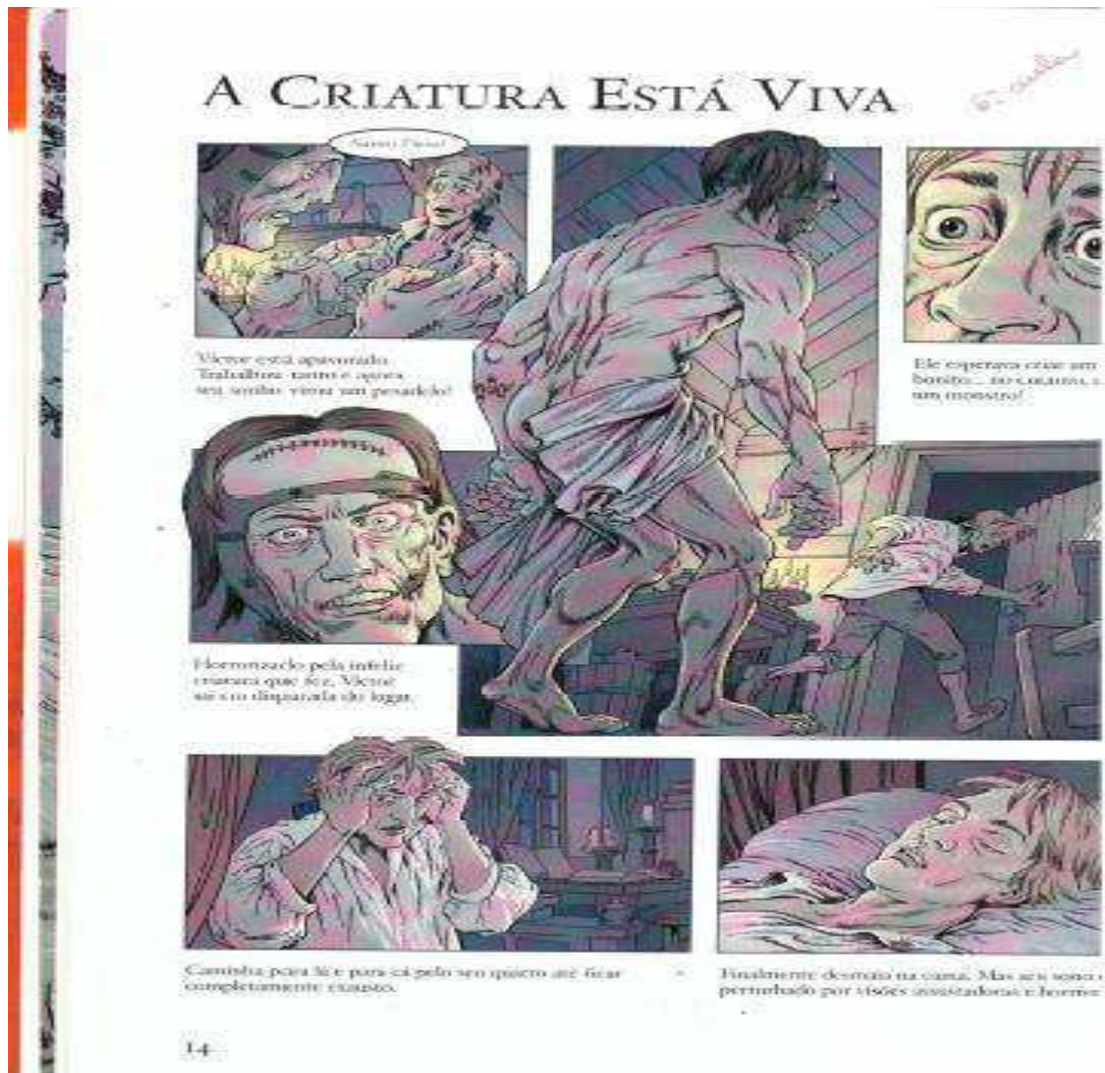
12

MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (Adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.12.

Nesse caso, a redução da obra original por meio de imagens “é uma apresentação sintética e seletiva das ideias de um texto, ressaltando a progressão e a articulação delas” (MEDEIROS, 2000, p.123). Assim, quando resumido à literatura em quadrinhos, o texto original ganha um novo texto que serve de espelho ou proposta inicial fiel, pois, naquele momento, recriamos um texto para facilitar a interpretação primária dos leitores.

Na obra de Shelley, “À luz bruxuleante da vela quase extinta, vi abrirem-se os olhos amarelos e baços da criatura. Respirou. Sim, respirou com esforço, e um movimento convulso agitou-lhe os ombros” (SHELLEY, 1999, p. 48). A fidelidade do texto em quadrinhos com o texto original é tão impressionante que o nascimento da criatura se torna um capítulo à parte, no qual podemos perceber a preocupação da adaptadora em manter isso. A seguir, mostraremos a imagem do capítulo “A criatura está Viva” a fim de provar o que dissemos anteriormente. Eis que, diante de tantos sonhos e pesadelos, a beleza esperada desaparece com o aspecto amedrontador da criatura. Enfim, o monstro estava vivo e estava indo contra a vontade de Victor.

**Figura 7** – Imagem para destacar a fidelidade das formas físicas da criatura



MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.14.

Como notamos, a criatura difere em suas formas do criador. A mesma tem sua forma gigantesca que provoca temor ao jovem cientista.



Nesse sentido, para Stam (2000), a fidelidade da adaptação é obrigatória e deve atender a três princípios básicos: atender ao que mais gosta na obra original, saber que existem obras adaptadas melhores e piores que outras e que algumas podem perder pontos importantes da original.

Entretanto, não basta adaptar, mas captar o ideal de Mary Shelley. Note que “Horrorizado pela infeliz criatura que fez, Victor sai em disparada do lugar” (MACDONALD, 2009, p. 14). Disso surgem a fidelidade da adaptação e a aproximação das futuras perturbações e tragédias na vida do jovem que progressivamente irão conflitar o a razão com o desejo de Vitor diante de sua criação.

Outro momento que denota tamanha fidelidade da autora à Shelley está na volta de Victor ao enterro do seu irmão William. Observemos a seguir os recortes das falas do personagem nas duas obras. Em Mary Shelley (1999, p. 88), Victor profere: “- William, meu anjo querido! Este é o seu funeral, sua missa de réquiem”. E em Fiona (2009, p. 20): “William, meu anjo. Este é o seu funeral, esta triste melodia”. Tomando um dos conceitos, é a missa de réquiem um tributo ao funeral, do mesmo modo, a triste melodia embala-o.

Após esse desabafo, a narrativa apresenta outro ponto que mostra a importância do diálogo mantido entre criador e criatura. O encontro traz à tona o posicionamento da criatura para a sequência de acontecimentos que desencadearam as atitudes perversas da mesma diante da sociedade.

Ao ser visto como um monstro, a criatura passa a temer o homem ao ponto de excluí-lo da sociedade. Entretanto, mantém um contato sem aparições visíveis que a coloca em semelhança com o mesmo. A criatura desenvolve a fala, o caminhar e começa a raciocinar e a maquirar seu plano de vingança contra Victor. Ao desejar regressar à sociedade, a criatura fica frente à frente com seu criador e relata todos os momentos de sofrimento e desilusões com os humanos que provocaram nele sua revolta, mas também o desejo de uma companhia para o resto de seus dias. Além do mais, foram justamente esses fatos ruins em sua vida que fizeram com que a criatura desenvolvesse suas habilidades físicas e pudesse raciocinar diante das circunstâncias perversas que a vida lhe trouxera.

A imagem a seguir é do capítulo “Frente a frente” e busca explicar o contato, as acusações, o ódio e a revolta que acometem criador e criatura assim como na obra de Shelley. Através de uma sequência de balões poderemos notar que o diálogo entre criador e criatura existe.

**Figura 8** – Imagem que realça o diálogo entre Victor e a criatura



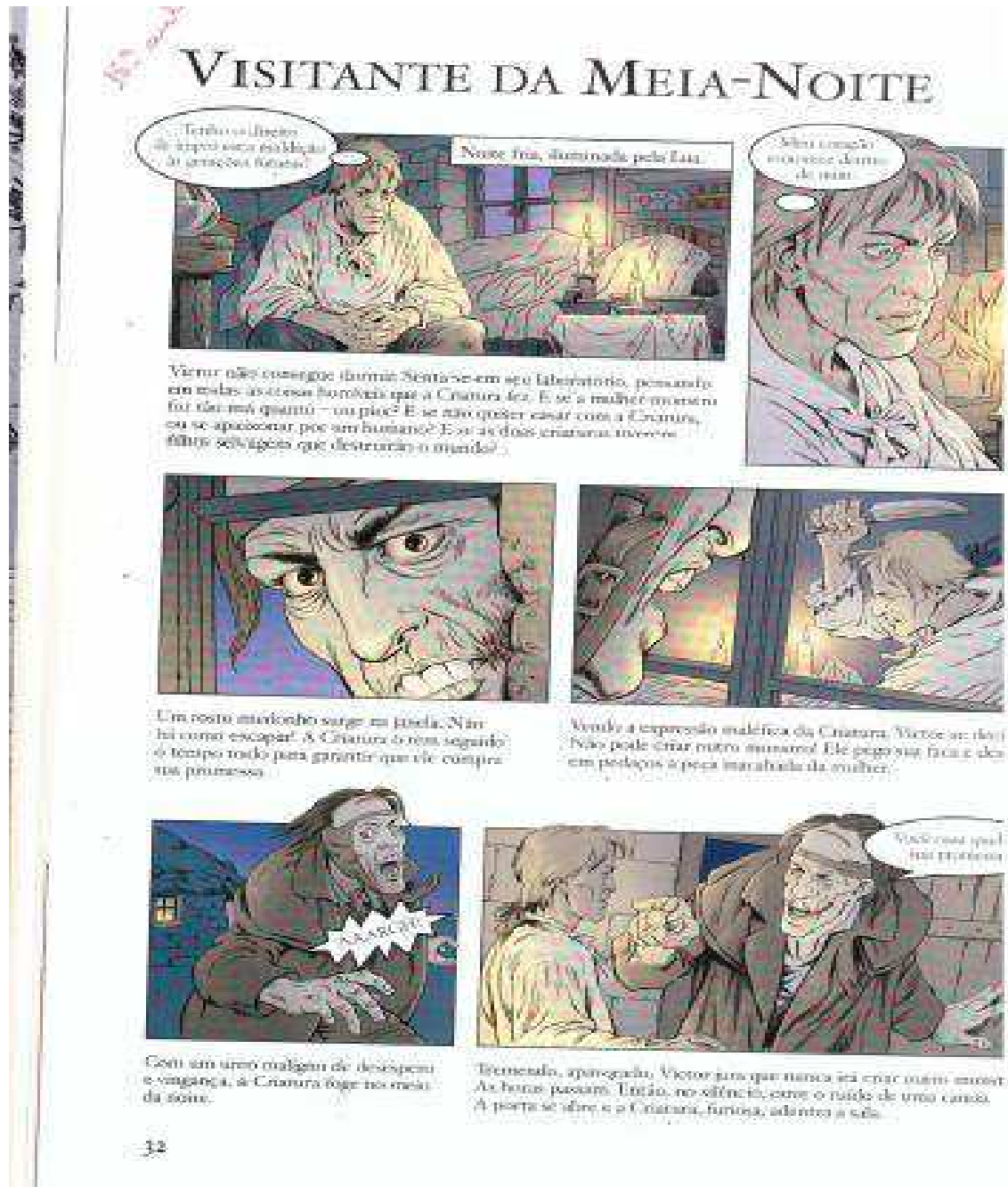
MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (Adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.23.

Note que a sequência de balões de falas dos personagens apresenta todas as atitudes citadas anteriormente. Mais, uma vez, Fiona se mantém fiel a Shelley. Vale destacar que como na obra original a criatura era boa e generosa, mas “Todos detestam um desgraçado – e sou o mais miserável de todos os seres humanos” (MACDONALD, 2009, p.23), logo, as

acusações feitas a Victor são reveladoras e mostram que alguns atos dos seres humanos corromperam a criatura.

A relação de contexto entre imagem e falas é evidente, por isso, a fidelidade ao enredo da obra original ganha espaço e se enriquece a cada momento. Quanto ao pedido, a criatura convence Victor de realizá-lo, mas há a repulsa.

**Figura 9** – Imagem que demonstra a preocupação de Victor ao produzir uma nova criatura



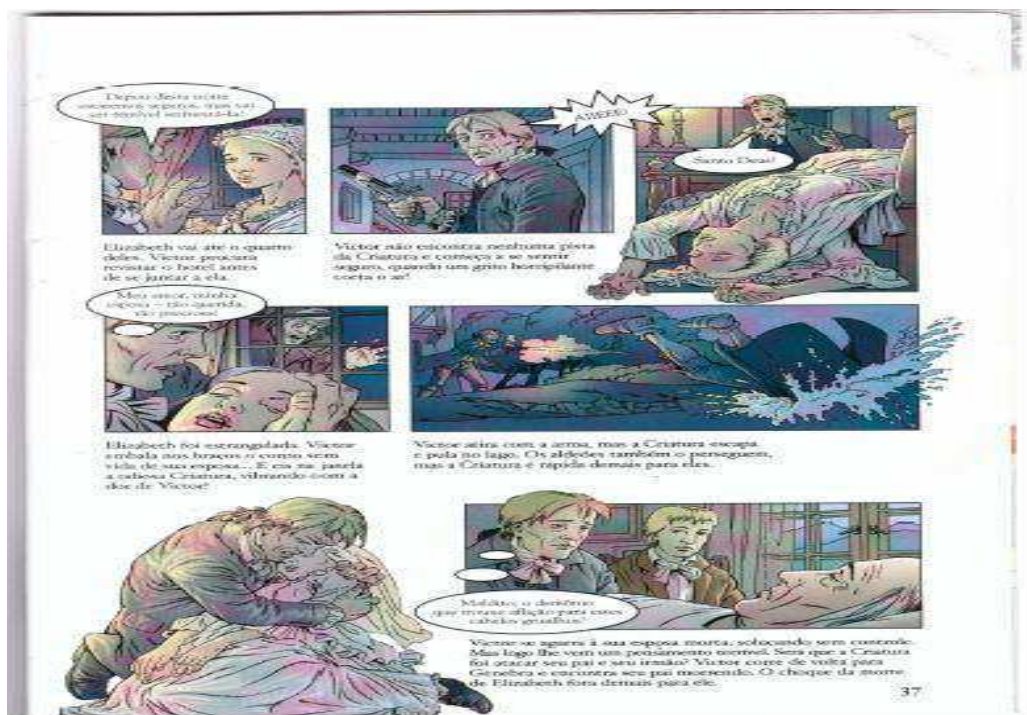
Além das imagens, as narrações e pensamentos de Victor comprovam a fidelidade da obra em HQ para com a original. Observem a fala do narrador destacando através de indagações as preocupações eminentes do jovem cientista:

Victor não consegue dormir. Senta-se em seu laboratório, pensando em todas as coisas horríveis que a Criatura fez. E se a mulher-monstro for tão má quanto – ou pior? E se não quiser casar com a Criatura, ou se apaixonar por um humano? E se as duas criaturas tiverem filhos selvagens que destruirão o mundo? (MACDONALD, 2009, p. 32).

Isso revela o caráter de multissignificação de que a HQ é detentora, pois, no excerto da obra em HQ, percebemos que nasce a discussão de uma leitura por quatro aspectos presentes na adaptação: imagem, narração, diálogo e rubricas.

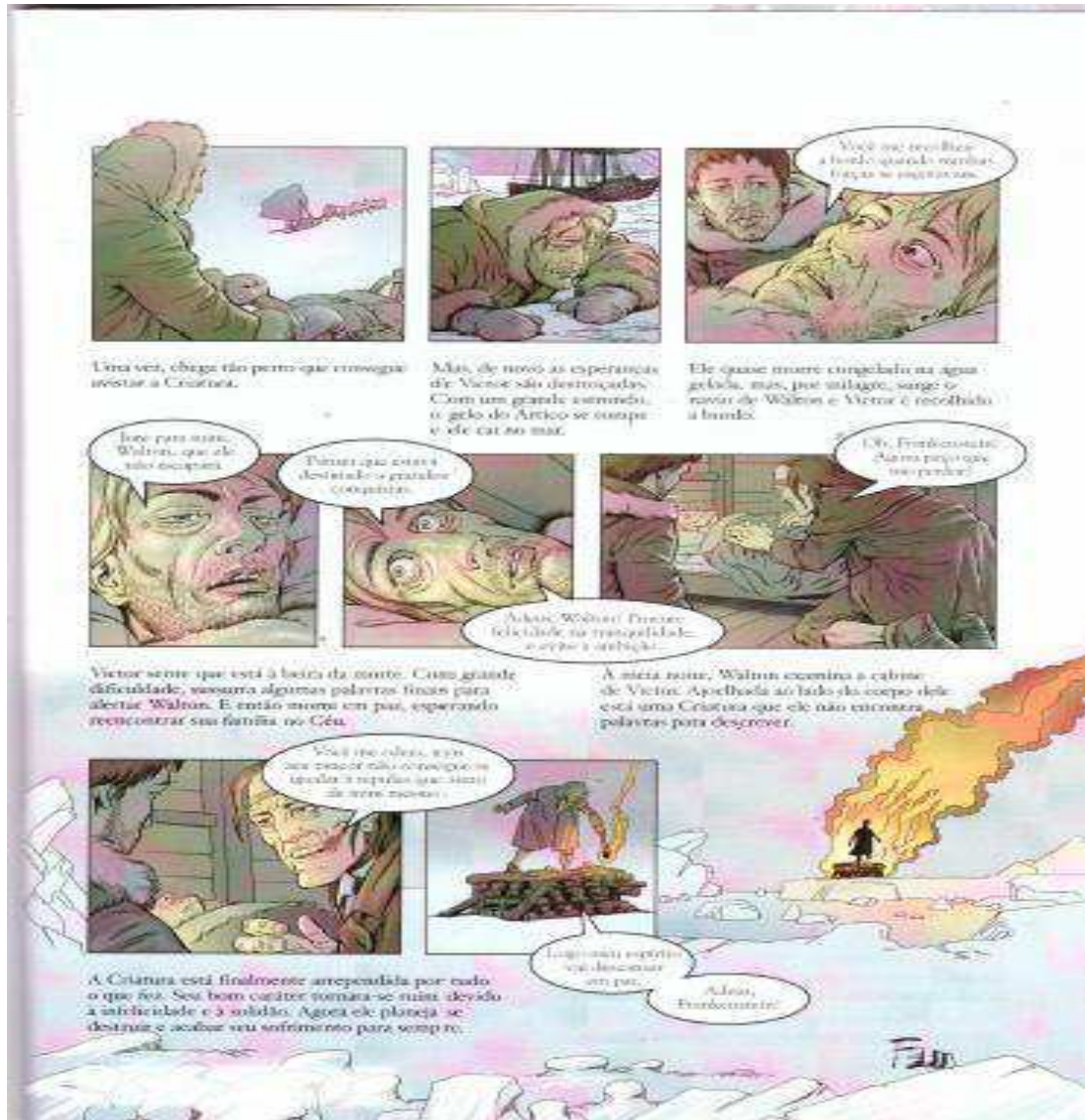
Tempos depois de o cientista resolver por fim a sua criação que, para ele, seria mais uma monstruosidade, como na obra de Shelley, na adaptação em quadrinhos surge revolta e mais uma morte por negar-se cumprir com a promessa, a de Elizabeth Lavenza logo após seu casamento com Victor. Observe a imagem a seguir:

**Figura 10** – Imagem para realçar a morte de Elizabeth



Logo após a morte de Elizabeth, Frankenstein definha e chega a falecer. Nesse instante, a criatura depois de tantas escapadas do seu criador, reaparece, se solidariza e pede perdão. Em seguida, some na geleira e atea fogo em sua jangada.

**Figura 11** – Imagem que ilustra o final da adaptação em Quadrinhos.



MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (Adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 39.

Por fim, através de um clima de sofrimento, dor, arrependimento e morte a adaptação literária é finalizada. Frankenstein, morto e arrependido de ter abandonado sua criação, mas também revoltado por ter ido além dos poderes de Deus e perdido seus familiares vitimados por causas naturais ou pela criatura; a Criatura arrependida de todas as maldades provocadas às pessoas próximas de Victor; e Walton, com o pavor de ter se deparado com a criatura.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa abordou de forma introdutória a possibilidade de utilização da história em quadrinhos, adaptada de uma obra clássica da literatura inglesa, de modo a dar conhecimento de autores como Mary Shelley e sua principal obra *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*, publicada em 1818. A adaptação em quadrinhos, *Frankenstein*, feita por Fiona Macdonald, 2009, traz títulos diferentes, mas preservam a estrutura central da narrativa, ampliando seu sentido com o reforço do desenho e do quadrinho como suporte da adaptação.

Para fomentar essa discussão sobre quadrinho como literatura, se fizeram necessárias uma pesquisa e discussão sobre o que era literatura e seus gêneros para definirmos as HQs como tal, mostrando sua importância na formação do caráter do leitor literário crítico.

Escolhemos a obra devido à sua importância na literatura mundial, porém queríamos ir além de uma análise dos seus personagens. Propomos discutir como as obras se assemelham e diferem ao mesmo tempo e pudemos observar que as HQs auxiliam no processo leitura crítica das pessoas, bem como reconhecemos sua importância na construção do perfil do leitor de literatura. Além disso, a pesquisa bibliográfica nos mostrou caminhos a seguir por meio de uma literatura específica, a HQ, refletida através dos posicionamentos de autores como Aguiar e Silva, Cirne, Pontes, Eisner e Lajolo.

A respeito da análise das obras, elencamos cinco pontos para discussão: a diferença entre as capas, a supressão de partes do texto, a fidelidade à história, a presença da escrita em quatro modos – as, imagens, as narrativas, os diálogos e as rubricas.

As capas, extremamente diferentes, porém, fieis à obra se mostram de suma importância na interpretação das obras. Primeiro, a capa da primeira publicação é simples e sem muitos adereços que enriqueçam o texto, sequer houve referência ao nome da autora. Por outro lado, a capa da adaptação revela, com maior rapidez, através do uso de imagens e texto verbal, a linguagem literária presente na obra que na obra de Shelley. A cor vermelha presente na capa elucida dor, sofrimento, morte, bem como a presença da criatura evidencia um equívoco. Ao se usar tal imagem, o leitor poderá confundi-la com a aparência física de Victor Frankenstein e tomá-lo como o “monstro” na obra, causando um desconforto ao leitor, mas, ao mesmo tempo provoca desejo de chegar o mais rápido possível ao desfecho da obra, porém desde o início da leitura ele percebe que a imagem ilustra a Criatura e descobre que Frankenstein, na verdade é o criador.

Quanto à supressão, destacamos a que acontece com as cartas entre Walton e sua irmã. Ao suprimi-las, Fiona Macdonald provoca um desconforto aos que já conhecem a obra de Shelley, pois, sabem de sua importância para construção de uma das visões da Criatura. Assim, a visão apresentada por Walton é necessária para que entendamos que a sociedade corrompeu a criatura. Além disso, não podemos confrontá-la a visão exposta por Victor, tampouco pela visão da própria criatura sobre sua existência.

Ao usar da supressão do texto verbal, trocando-o pelas imagens, a adaptadora sustenta a História em Quadrinho como a aquisição de uma nova literatura. Uma literatura de fácil acesso e, por vezes, detentora de uma linguagem mais fácil de interpretação e compreensão. Mesmo sendo complexa, quando usamos a HQ como texto-base, a leitura literária passa a ter significado linguístico e estético (PROENÇA FILHO, 1995).

É fato, as histórias em quadrinhos são um novo tipo de literatura baseado no processo de arte sequencial que permite ao leitor uma interpretação da história através do ato narrado/falado de uma sequência de ilustrações que contam a história. Uma literatura que prima pelo uso da linguagem verbal e da não verbal ao mesmo tempo e, nunca, uma ou outra. Logo, as HQs traduzem uma literatura de fácil acesso, entretanto, uma literatura que nos condiciona, por vezes, memorização sem assimilação da estética que o texto original carrega. Porém, desde que fiel à história original, a HQ acende a chama do prazer pela literatura enquanto arte ficcional transmissora dos mais variados valores de uma sociedade.

A respeito da adaptação em quadrinhos, as imagens nos auxiliaram a fazer uma interpretação com mais rapidez e eficácia. No que tange a parte escrita, temos uma narrativa direta, de fácil assimilação e compreensão contada pelas principais passagens dos capítulos da obra original. Em seguida, os diálogos marcados pelo discurso direto denotam as principais falas dos personagens, bem como reafirmam o que está sendo traduzidos pelas narrativas e imagens. No que pertence às rubricas, isto é, explicações sobre a narrativa, estas sendo típicas das peças teatrais, aparecem algumas vezes na adaptação a fim de reafirmar o desenrolar das cenas.

Percebemos que as Histórias em Quadrinhos vão além do conceito de uma mera reprodução de um texto devido ao seu caráter facilitador de leitura, pois, algumas são criadas como tal, logo, possuem seu valor linguístico e estético tornando-as literatura. Mais que uma imitação, a HQ é literatura e funciona como um recurso midiático para algumas obras. Entretanto, destacamos que mesmo adaptando alguns clássicos, ela é uma nova criação e é provida de arte, portanto, merece maior atenção à sua existência e uso no dia a dia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. Coleção Paradidáticos. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª a 8ª Séries**. Brasília, 1998.

CANDIDO, Antônio (et. al.). **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. O superpoder da leitura. In: REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e Visão de Mundo: Peças de um Quebra-cabeça**. Londrina: Eduel, 2007.

ECO, U. Sobre algumas funções da literatura. In: \_\_. **Sobre a literatura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FREGONEZI, Durvali Emílio. **O professor, a escola e a leitura**. Londrina: Humanidades, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

HESÍODO. Teogonia. **A origem dos deuses**. Estudo e Tradução por Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Tradução André Cechinel. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.



MACDONALD, Fiona. **Frankenstein** (Adapt.). Trad. de Maria Ângela A. de Paschoal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

MEDEIROS, I. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MENDONÇA, Marcia Rodrigues de Souza. Um Gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena T.A. **O processo de pesquisa**: iniciação. 2. Ed. Brasília: Líber Livro, 2006.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **A Arte dos “Quadrinhos” e o Literário**. A contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura. 2008. 207 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PONTES, Carlos Gildemar. O quadrinho como publicidade. In: PONTES, Carlos Gildemar. **Diálogo com a arte**: vanguarda, história e imagens. Fortaleza: Acauã, 2005.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

RAMOS, Flávia Brocchetto; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. Leitura de história em quadrinhos na sala de aula. In: SOUZA; Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Org). **Leitura literária na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

REZENDE, Lucinea Aparecida de; CRUZ, Flávia. Leitura e contos de fadas: matéria-prima nos processos de ensino e aprendizagem. In: REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura infantojuvenil**: abordagens teórico-práticas. Londrina: Eduel, 2011.

\_\_\_\_\_. **Leitura e Visão de Mundo**: Peças de um Quebra-cabeça. Londrina: Eduel, 2007.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Moderno Prometeu**. Trad. de Miécio Araújo Jorge Honkins. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Os conceitos de Literatura e Literariedade. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da Literatura**. 4. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1982. p. 1-40.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

STAM, R. Beyond fidelity: the dialogics of adaptation. In: NAREMORE, J. (org.) **Film adaptation**. New Jersey: Tutgers University Press, 2000.

TODOROV, Tzvetan. El Origen de los Géneros. In: \_\_\_\_\_. **Teoría de los Géneros Literarios**. Madrid: Arco/libros, 1988, p. 32-48.

\_\_\_\_\_. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ZENI, L. Literatura em Quadrinhos. In.: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (orgs). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-165.

## WEBLIOGRAFIA

BARBOSA, Rosemary Evaristo. **Da memória social à memória discursiva: marcas identitárias** na revista A Turma da Mônica. 2009. 171 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/posletras/images/teses2008/Rosemary.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

FERREIRA, S. B. L., MELO, R. N., CARVALHO, S. E. R., & LEITE, J. C. S. P. (2000). **Requisitos não funcionais para interfaces com o usuário – O uso das cores**. Disponível em: <<http://www.nt.puc-rio.br>>. Acesso em: 21 fev, 2016.

OLIVEIRA, Ronilço Cruz. **O papel do gibi no processo de aprendizagem, na afetividade e nas emoções**. 2007. Disponível em: <<http://www.ucdb.br/gibiteca/experiencia.php>>. Acesso em: 01 dez. de 2015.

ROCQUE, Lucia de La; TEIXEIRA, Luiz Antonio. **Frankenstein de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VIII(1), 10-34, mar/jun. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702001000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000200001)>. Acesso em: 21 fev, 2016.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. 2003. Disponível em: <[http://www.pglettras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2\\_Ivanda.pdf](http://www.pglettras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SILVA, Greice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. **Formação de leitores na educação infantil: contribuições das histórias em quadrinhos**. 2009. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2009. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/silva\\_gf\\_me\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/silva_gf_me_mar.pdf)>. Acesso em 12 dez. 2015.

SILVA, R. F. S. O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade. In MAGALHÃES, ACM., et al., orgs. **O demoníaco na literatura** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889-18.pdf>> Acesso em: 21 fev, 2016.